

UM CASO DE AMOR

Diálogo com o movimento carismático

Roberto E. Zwetsch

Às irmãs e irmãos do movimento
carismático na IECLB

1. O COMPLEXO DO AMOR

Estamos vivendo um intenso debate nas igrejas históricas e, conseqüentemente, também na IECLB a propósito do fenômeno do carismatismo e suas conseqüências na vida comunitária e suas repercussões institucionais nas igrejas. Não sou a pessoa mais indicada para escrever sobre este assunto. Mas assim mesmo, arrisco debatê-lo a partir do que tenho visto, ouvido e observado em minha prática como professor e pastor. Faço-o movido pelo interesse de compreender algo mais do que está acontecendo na vida das igrejas neste final de século. Suspeito que estamos diante de um fenômeno não necessariamente novo, mas que diz respeito ao sentido da missão cristã num tempo novo que se abre. Quem sabe algo importante está passando despercebido diante dos nossos olhos. Tanto para quem está **dentro** como para quem está **fora** do movimento.

Proponho aceitar a filosofia como uma porta de entrada para a teologia na avaliação do movimento carismático.¹ Quem sabe este olhar externo nos ajude a desbloquear a nossa mente para entendermos com mais justiça os fatos. Assim, poderemos passar às perspectivas que se abrem (ou se fecham?) para os próximos tempos.

Recentemente, saiu publicado em português um pequeno livro de Edgar Morin, filósofo francês, com um sugestivo título: *Amor, poesia, sabedoria*.² É uma reunião de três conferências proferidas entre 1990 e 1995. Neste texto, vou dialogar com Morin tendo como foco o meu interesse pela compreensão do movimento carismático e seus desdobramentos positivos e negativos.

Morin trabalha com o tema do amor. Ele defende que o ser humano é, ao mesmo tempo, possuidor e possuído pelo amor. Há em nós duas forças que se complementam, se debatem e que podem nos levar à sabedoria ou à loucura. A tragédia ocorre quando, por diversas razões, o nosso amor se transforma em uma doença mental. Que, para Morin, seria a incapacidade de ouvir o outro.

O amor humano é o ápice da união entre a loucura e a sabedoria. Ele não pode ser provado. Pode-se apenas apostar nele e sobre ele. A questão é sermos capazes de nos entregar ao amor, “dialogando com ele de modo crítico”. Pois, há sempre um grande risco no amor: o risco do erro ontológico, da ilusão, uma vez que o absoluto é, simultaneamente, o incerto, o desconhecido. Faz parte deste risco algo muito importante no relacionamento humano. É o que os estudiosos definem como **projeção**. Quando o nosso amor, devido a certas circunstâncias pessoais, sociais, históricas, experiências, sofrimentos, momentos

¹ O P. Paulo Boehm, de Canoas/RS, paróquia Matias Velho, prefere o nome de Movimento de Renovação Espiritual em lugar de Carismático, pois isto confunde com movimentos de outras igrejas, como o da Igreja Católica Romana.

² Trad. de Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro : Bertand Brasil, 1998, 68 p.

propícios, faz surgir o que Morin chama de processo da fulminação e da fascinação. “Nesse momento, projetamos sobre o outro nossa necessidade de amor, fixamo-lo e o endurecemos, ignoramos o outro, transformando-o em nossa imagem e totem. Efetivamente, aqui reside uma das tragédias do amor: a incompreensão de si e do outro”.

No sentido contrário, a beleza do amor reside na capacidade de se deixar contaminar pela verdade do outro. Isto só o amor é capaz de realizar. Ele ajuda a descobrir a verdade do outro, e mais, nos faz encontrar a nossa própria verdade através do outro. Ou **com** o outro, eu poderia acrescentar. No encontro, no diálogo, na partilha, na busca comum. Do ponto de vista da fé evangélica, o espírito de Cristo é que permite este tipo de encontro e diálogo na sua inteireza.

A sabedoria, continua Morin, não consiste em derrotar o outro, mas em construir com ele/a uma vida e um caminho humano com sentido.

Numa outra parte do texto, Morin fala da sua concepção antropológica. A seu ver, o ser humano não é apenas um ser físico-racional. Ele é também e simultaneamente um ser afetivo. Ele é *homo sapiens-demens*. Diz ainda que é esta capacidade afetiva que faz da espécie humana uma espécie inteligente. É a afetividade multiplicada que contribui para o desenvolvimento da inteligência. Ela é a responsável pelo amor.

Mas, esta mesma afetividade pode, por vezes, nos tornar cegos. É ela que inventou o ódio, a maldade gratuita, a maledicência, a vontade de destruir por destruir.

Homo sapiens - homo demens. Sábio e demente. Sábio e louco.

Nisto consiste o grande risco humano, o delírio da razão. Nesse sentido, provavelmente o século XX seja o período mais demente da inteira história humana, aquele no qual as maiores atrocidades foram e continuam a ser perpetradas agora em escala global. História de conquistas e história demente. A nossa história humana. A ilusão da potência máxima. O erro de imaginar-se possuidor da verdade total. O fim da história. Haverá saída? Tem gente poderosa que diariamente nos tenta inculcar a idéia de que não há saída, de que o mundo é assim mesmo e que devemos nos conformar com o **único caminho** proposto pelo sistema dominante atual.

A questão que se coloca é a seguinte: quando a afetividade se distorce em projeção e maldade **sobre o outro**, há maneira de reverter o caso? Felizmente, sim. Nada neste mundo é absoluto, irreversível, irrevogável.

Assim como uma vida no delírio pode chegar à loucura, também é possível reverter a loucura novamente em amor e compreensão. Ou, em liberdade para amar, eu acrescentaria.

Morin levanta a pergunta, hoje deveras pertinente, sobre a existência de uma **razão amorosa**, do mesmo modo como há uma **razão dialética** que teria a força de superar a **razão congelada**. Aqui entra a religião. Morin bebe de duas fontes religiosas. Do budismo ele recolhe a mensagem da compaixão pelo sofrimento - não apenas humano, mas de qualquer ser vivo.

Da mensagem cristã, ele aceita a compaixão pelo outro com algo mais que, a seu ver, constitui a originalidade da fé evangélica: a capacidade do perdão.

Interessante que um pensador como Morin recolha da fé cristã a mensagem do perdão. Pois é justamente isto que hoje significa justificação. Perdão é a possibilidade dada por Deus para recomeçar a vida em novas bases, livre e libertado para amar e servir ao

outro. E desta forma descobrir quem é Deus, o que ele nos dá e oferece e o que ele quer/espera de cada pessoa.

Esta síntese dos pensamentos de Morin ficou um pouco extensa, mas foi necessária para sermos justos com o autor e não usar de modo descontextualizado afirmações que podem iluminar a nossa percepção da realidade do movimento carismático.

2. A QUESTÃO CARISMÁTICA

No que segue, vou procurar ser breve. Pretendo refletir sobre a questão carismática como um caso de amor. Talvez de amor exagerado, não resolvido, desviado, superestimado, projetado, mas de qualquer forma, um caso de amor.

Entendo que as pessoas de fé e motivadas pela fé tendem a ser criativas. Não se conformam com as rotinas humanas, institucionais, sociais. Por isso, são inquietas, buscam mudar situações, criam novas possibilidades, vão sempre em busca do novo, do desconhecido.

No caso do movimento carismático, percebo que as pessoas sentem, vivem e proclamam a existência de um grande amor. É o amor a Deus que as move e as torna alegres, felizes, exaltadas por vezes. Nas suas reuniões sentem com força a ação divina do Espírito de Deus e procuram - sem peias ou regras - deixar que ele as conduza.

São encontros fervorosos, fortes de impressões, sentimentos e emoções, que muitas vezes fica até difícil de explicar racionalmente. Mesmo um assistente mais neutro acaba entrando no clima e, de alguma forma, sofre o impacto daquela experiência.

O encontro de culto carismático é, portanto, denso, mexe com a estrutura psíquica e espiritual da pessoa. Ele oportuniza uma **experiência** forte da presença atual de Deus, aqui e agora.

Nessas experiências - cuja estrutura fenomenológica não difere de outros cultos encontrados em outras religiões, também não cristãs - não é tanto a palavra do evangelho que faz a diferença, mas a **experiência** que a reunião proporciona às pessoas. Quer dizer, a palavra aí é apenas um dos elementos do fenômeno, interferindo com outros como por exemplo: as formas de comunicação e participação, o clima emocional que se vai criando, a disponibilidade para a ação do Espírito, o estado de espírito das pessoas envolvidas e. não por último, a ação do próprio Espírito, quando ocorrem fenômenos de glossolalia.

Há ocasiões especiais em que, além disso, acontecem outros fatos de maior impacto para as pessoas que buscam o culto carismático: trata-se dos momentos de revelações e de cura, de bênção e de exorcismo. Nesses momentos a comunidade reunida por vezes chega ao paroxismo.

Esses momentos de forte compulsão emocional, em que a comunidade reunida se exalta, chora, ri, cai, extravasa um complexo de sentimentos até contraditórios como sejam dúvidas, mágoas, tensões, carências, são momentos de grande catarse coletiva. O culto carismático funciona como catarse para muitas pessoas sofredoras, não importa o tipo de sofrimento que carregam. Nisto está uma das razões de seu sucesso e do afluxo crescente de pessoas aos locais e igrejas onde tais experiências acontecem.

Como todo fenômeno **humano**, o culto carismático ainda ocorre neste mundo e não no outro.

É por isto que - assim como em outras ocasiões da vida da igreja - nele o amor pode ser distorcido, exagerado, mal encaminhado, se tornando **projeção** dos mais variados sentimentos, emoções e interesses **sobre os outros**.

O amor envolve fortes sentimentos de afetividade, como foi dito acima. Quando, porém, deixa de dialogar com o outro, deixa de ser crítico para consigo e com o outro, ele pode se degenerar numa ilusão, pior que isso, numa auto-ilusão.

Creio que isto vale para toda e qualquer pessoa. E se isto é verdade, também pode ser aplicado para as experiências eclesiais, como aqui me refiro ao caso do movimento carismático.

Desatar fortes sentimentos reprimidos nas pessoas, ajudando-as na busca de cura e libertação de muitos fantasmas que as atormentam e oprimem, sem dúvida, é algo que merece respeito, compreensão e até mesmo acompanhamento por parte da comunhão maior da igreja. Há experiências muito verdadeiras, profundas e mesmo libertadoras que se estão verificando em comunidades carismáticas. Pessoas de vida desregrada e completamente entregues ao caos existencial, quando se reencontram consigo mesmas e com a força de Deus através desse caminho, passando a viver com serenidade e até alegria, são verdadeiros milagres que acontecem seguidamente em comunidades carismáticas. Ignorar este fato não é de bom senso. Mas ao mesmo tempo, exacerbar seu alcance e fechar os olhos para outros aspectos menos visíveis do fenômeno, isto igualmente seria irresponsabilidade.

Na comunidade cristã existe uma coisa que se chama mútua correção. Parece-me que o fenômeno carismático é um caso para exercitarmos fraternalmente a mútua correção. E para tanto a reflexão teológica pode ser um bom auxílio.

Ocorre que o amor sábio pode se tornar demente, um delírio de poder, sob o efeito de fenômenos como a projeção e a manipulação.

Isto é muito conhecido por quem estuda fenômenos religiosos. Mas o pior é quando as pessoas implicadas, sobretudo as lideranças religiosas, começam a acreditar em tudo que seus olhos vêem, em tudo o que o coração sente e que a razão tolhe. Nesse momento, pode ocorrer que a sua necessidade de amor seja tão forte que não encontra mais limites e acaba projetando sobre o outro estas carências. E isto pode redundar em complicados jogos de atração e manipulação. Quando feito sob o domínio do sagrado, então se torna ainda mais sério.

O carismatismo é assim um caso de amor, sem dúvida, mas precisamos ver até que ponto ele verdadeiramente responde à ação do Espírito Santo ou às necessidades de poder e carências de quem manifesta ou manipula certos dons da fé.

Neste ponto valeria a pena aprofundar uma teologia dos dons do Espírito como, por exemplo, faz o apóstolo Paulo em 1 Coríntios, caps. 12-14. Aí é interessante observar como certos dons enfatizados pelos carismáticos, tanto do tempo de Paulo como dos tempos atuais, são colocados ao lado de outros e examinados a partir de um critério muito claro: aquilo que edifica a comunidade. Paulo apela ao bom senso da comunidade e, sobretudo, ao carisma do amor como medida das manifestações carismáticas. O amor aí é entendido como aquele que leva à comunhão, à fé e à esperança. E não à separação ou a uma falsa

compreensão de exclusividade. Nesse sentido, o movimento carismático teria muito a refletir, sobretudo no que tange ao fenômeno do exorcismo (ou da “libertação” como preferem nomear obreiros/as do movimento), que muitas vezes, fere a sã razão e à práxis amorosa cristã mais elementar.

Paulo alerta ainda que a manifestação do Espírito é concedida a cada pessoa visando um fim proveitoso (12.7). Quando isto não acontece, quando fica mais evidente a vontade de poder, a discórdia e a competição religiosa no mundo, é de se perguntar que espírito é este que está se manifestando.

Em livro recente, José Comblin afirma que a religião da modernidade é a religião das emoções, pois é isto que hoje domina no mercado religioso. Há muita demanda religiosa e muitos métodos que oferecem caminhos para a felicidade e a prosperidade. Daí, diz ele, a tentação de entrar nesta competição. Há nas igrejas hoje a forte tentação de disputar este mercado e aí os movimentos carismáticos estão na linha de frente. No catolicismo brasileiro, o fenômeno do Padre Marcelo Rossi não deixa dúvidas a respeito. Para Comblin, o Padre Marcelo representa o reencontro da Igreja Católica com as massas, só que hoje não mais como fazia Frei Damião, mas como igreja-show, igreja-espetáculo, forte em emoções e visibilidade. Igreja que não por acaso ganha cada vez mais espaço na TV e na mídia em geral. Certamente, porque se trata de um fenômeno moderno, mas conservador e que, por isto mesmo, não representa nenhum perigo para a mídia do sistema de mercado. Ao contrário, é um tipo de religiosidade e fé que faz aumentar a audiência e oferece segurança ao povo, que assim se esquece de contestar o sistema. Quer dizer, é uma religião facilmente assimilável ao sistema. Bem diferente do evangelho da libertação, que era proscrito dos órgãos de comunicação e até mesmo perseguido, por “dividir e plantar a discórdia na ordem social”.

Comblin afirma que neste tipo de religiosidade se oferece um evangelho “ao gosto do consumidor”. Por isto, talvez, o estranhamento daqueles para quem o evangelho não é simplesmente uma nova religião, mas um caminho de vida, e caminho de cruz, certamente. E como a história da igreja prova, caminho de poucos, subterrâneo, muitas vezes clandestino, estreito e exigente. O caminho da segunda milha, do amor ao inimigo, para ser claro.

É sintomático que Comblin afirme ainda outro pensamento. Escreve que dessa maneira, o evangelho fica muito diluído. Interessante esta idéia de diluição, pois remete à idéia de líquido, estado aquoso. Um evangelho por vezes aguado, é o que parece estarmos assistindo. Será mesmo?

Muito amor a Jesus, mas a um Jesus emocional, afetivo, sem conteúdo racional, um Jesus suspeito de não ser mais do que uma projeção das frustrações afetivas tão comuns nos tempos atuais. Há uma tendência para aceitar qualquer evangelho, com a condição de que conquiste o mercado.³

Comblin não diz que Jesus está ausente. Só que não está completo, e talvez mais. Que está por demais reduzido à expressão humana de quem o busca ou recebe. Parece mais uma projeção de sentimentos e carências do que o confronto com o Jesus do Evangelho da

³ José COMBLIN. *Vocação para a liberdade*. 2ª ed. São Paulo : Paulus, 1998, p. 10.

graça, da cruz e da ressurreição. Aquele que nos convida para uma vida de seguimento, partilha e busca da justiça e da paz. Não só para mim ou o meu grupo, mas para todo o povo.

“Buscai, pois, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça, e o mais vos será dado por acréscimo” (Mateus 6.33)

Jesus continua sendo - em palavra e ação - o critério para avaliar a vida da igreja. Nele, carismáticos e não carismáticos poderão se encontrar para ficar com o que realmente importa: o evangelho do amor e da graça de Deus, ao qual servimos e ao qual nos entregamos com todo o nosso pecaminoso e redimido ser.

Esta reflexão ficou evidentemente incompleta sendo apenas uma primeira articulação de um diálogo com o movimento carismático que deveria prosperar. E que, provavelmente, será longo e exigente. Para ambos os lados. Que Deus nos ajude a sermos fiéis no pouco e no muito.